

# Integração é a chave para o sucesso do azeite de oliva brasileiro



Paulo Lanzetta

O engenheiro agrônomo Clenio Nailto Pillon é graduado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com mestrado em Agronomia pela mesma universidade, e doutorado em Ciência do Solo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É pesquisador da Embrapa Clima Temperado, onde atuou como chefe-adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento. Possui trabalhos na área de manejo e conservação do solo, com ênfase no avanço de conhecimento relativo à caracterização quali e quantitativa da matéria orgânica do solo e suas frações químicas e físicas em agroecossistemas e no desenvolvimento de sistemas conservacionistas de manejo. Trabalha com linhas de pesquisa que contemplam o desenvolvimento de novos insumos para a agricultura a partir do aproveitamento de coprodutos de processos agroindustriais e plantas bioativas. Atualmente, ocupa o cargo de chefe-geral da Embrapa Clima Temperado, em Pelotas, Rio Grande do Sul.

**IA -** *Quais as perspectivas para a produção de azeite de oliva brasileiro e a aceitação pelo mercado interno? Temos competitividade no mercado externo?*

**Clenio Pillon** - As perspectivas são boas. Algumas regiões do Brasil, como o Sudeste e o Sul, e em alguns microclimas do País há condições de clima e solo propícios à produção de azeite de oliva. Assim, a projeção atual é de um crescimento de 20% ao ano em área plantada e número de plantas, e, consequentemente, um maior volume de azeite de oliva produzido. O mercado é ainda muito incipiente, tendo em vista que as primeiras produções comerciais, em escala muito reduzida, ocorreram a partir de 2011, mas com boa aceitação por parte dos consumidores. Todo o azeite de oliva

produzido é consumido na mesma safra e isso é bom, pois garante ao consumidor um produto fresco e de alta qualidade. Para ter competitividade com os grandes produtores de azeite de oliva, como a Espanha, o Brasil deverá priorizar a qualidade de seu produto, focando em todos os cuidados da cadeia produtiva, para oferecer ao consumidor um excelente produto, diferenciado dos demais azeites de oliva ofertados no mercado.

**IA -** *Qual o perfil dos olivicultores brasileiros?*

**Clenio Pillon** - O perfil do olivicultor varia de profissionais liberais a empresários de diversas áreas. Apenas um pequeno percentual, menos de 5%, é da área agrícola. Isto coloca a atividade em franco crescimento pelo alto poder de investi-

mento por parte dos interessados na cultura. Entretanto, grande número de produtores são agricultores tradicionais, que buscam novas alternativas de cultivos, diversificando suas propriedades rurais, para que, durante todo o ano, possam disponibilizar produtos para comercialização, além de manter a oferta de serviços e mão de obra durante todos os meses.

**IA -** *Quais as principais vantagens da produção de azeite nacional?*

**Clenio Pillon** - Os azeites produzidos no Brasil são de ótima qualidade e apresentam características físico-químicas compatíveis com a legislação vigente. Além disso, possuem aromas agradáveis, amargor e picância interessantes, por causa das características das próprias cultivares que vêm sendo plantadas e das



condições climáticas favoráveis, que vão influenciar no *terroir* do azeite. Outro fator interessante é a juvenildade do azeite disponibilizado ao consumidor, com maior vida de prateleira (validade), ao contrário, muitas vezes, do que ocorre com os azeites importados, que apresentam defeitos ocasionados pela deterioração do produto. Um exemplo disto são os azeites de oliva extravirgens rançosos, que, muitas vezes, não são percebidos pelo consumidor.

**IA - Quais os maiores obstáculos para o incremento da produção de azeite no Brasil?**

**Clenio Pillon** - Como obstáculos, podemos citar a falta de uma legislação específica para produção de mudas; de um registro de agrotóxicos específicos e de linhas de financiamento para a implantação da cultura de oliveira. Por outro lado, há uma natural insegurança dos agricultores em investir em uma cultura em processo de adaptação no Brasil, o que se justifica pelos altos custos de produção.

**IA - Quais alterações podem ser propostas na legislação atual para o incremento da olivicultura nacional?**

**Clenio Pillon** - Por ser uma atividade relativamente jovem, ainda carece de marcos regulatórios, apesar de todo apoio e incentivo que se tem recebido do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, grande parceiro dessa iniciativa, bem como de órgãos de pesquisa e fomento dos Estados. Atualmente, não existem agrotóxicos ou outros ativos de base biológica registrados para a cultura, em suporte ao manejo integrado de pragas. Com o crescimento da olivicultura, é esperado que problemas fitossanitários também apareçam.

**IA - Qual a contribuição da pesquisa para o desenvolvimento sustentável da olivicultura no Brasil? O melhoramento genético poderia ser utilizado como ferramenta para**

*o aumento da produtividade da olivicultura nacional?*

**Clenio Pillon** - A pesquisa é o norte que levará a olivicultura a ser viável e competitiva. Precisamos de informações sobre densidade de plantio, poda, seleção de cultivares adaptadas às condições edafoclimáticas para cada região produtora, nutrição, manejo de plantas e de solo. Acreditamos que a pesquisa também possui um papel de extrema importância neste momento, que é a identificação de áreas passíveis de exploração, por meio do trabalho de zoneamento edafoclimático para a cultura da oliveira, que, posteriormente, deve ser refinado para o zoneamento, com indicativo de cultivares mais adequadas ao plantio nas diferentes regiões. Vencidas essas etapas, o melhoramento genético poderá ser utilizado como ferramenta para o aumento da produtividade dos olivais. Pode-se, por exemplo, iniciar pela seleção de cultivares mais adaptadas para uma determinada região de plantio, o que muitos produtores estão fazendo, embora sem consciência desse trabalho, e, em uma segunda etapa, selecionar novos genótipos em progênes resultantes de cruzamentos controlados, cuja primeira geração apresenta grande variabilidade genética.

**IA - Quais as formas de apoio por parte dos governos municipais, estaduais ou federal para a olivicultura?**

**Clenio Pillon** - Os governos estaduais e federal podem ajudar com a criação de um programa específico para a olivicultura, e os governos municipais podem apoiar com a disponibilização de assistência técnica, por meio de suas secretarias de agricultura, além de disponibilizar de forma adequada uma infraestrutura para a logística da atividade.

**IA - Quais são as perspectivas dos produtores em relação ao futuro da olivicultura?**

**Clenio Pillon** - Os plantios comerciais no Brasil são ainda muito jovens. Apenas em cerca de 10% da área cultivada as plantas estão com idade para início de produção. Assim, considerando que a oliveira entra em fase produtiva após oito anos de plantio, a expectativa é muito grande para os próximos sete anos com relação à produtividade dos pomares, pois a maioria dos plantios foi realizada a partir de 2008, além de que estamos num processo de aprendizado com a nova atividade.

**IA - O Brasil poderá ser autossuficiente em azeite e azeitona?**

**Clenio Pillon** - A exemplo da maçã era que a pesquisa científica teve importância fundamental na solução dos problemas tecnológicos para sua adaptação em algumas regiões agrícolas, possibilitando ao Brasil produzir esta commodity economicamente, também para o caso da oliveira, certamente a difusão da cultura para mais regiões do País e a ampliação de suas pesquisas, poderão torná-la mais uma opção de exploração para o agronegócio brasileiro. Temos condições de solo e clima já apontados no zoneamento para tal. O consumo atual é de 74 mil toneladas de azeite e 100 mil toneladas de azeitonas importadas em 2013. A área implantada hoje no Brasil, quando atingir a plena produção, atenderá apenas a 2% do consumo nacional. É uma importante alternativa para a diversificação da matriz produtiva para geração de emprego e renda, e também do ponto de vista ambiental para a preservação dos ecossistemas, conservação do solo e da água. Entretanto, temos ainda muito a caminhar, mas certamente a cada ano diminuiremos a dependência de importações.

**IA - Quais estratégias poderiam ser adotadas para favorecer o setor de processamento de azeitonas e azeite de oliva?**

**Clenio Pillon** - Considerando-se as particularidades de uma atividade ainda em curva de aprendizagem, será impor-



tante investir em formação de técnicos, uma vez que a cultura é intensiva em conhecimento e tecnologia. Houve um grande avanço de conhecimento nos últimos dez anos, mas ainda precisaremos de troca de experiências com países com tradição milenar na produção de azeitona e azeite de oliva.

**IA** - *Na sua opinião, quais seriam os possíveis impactos ambientais causados, especialmente pelo setor de processamento de azeite de oliva, e como poderia ser equacionada esta questão?*

**Clenio Pillon** - Esta é uma preocupação que todos nós temos que considerar. Nos últimos anos, em todas as partes do mundo, a preservação do meio ambiente é uma prioridade. No Brasil não é diferente, já que a sociedade está cobrando ações de todos, no sentido de preservar os recursos naturais, especialmente a água. Neste ano, as escassas chuvas ocorridas no Sudeste do Brasil deram um sinal muito claro de que precisamos ser mais eficientes no uso e na gestão da água. Há possibilidade de reaproveitamento de resíduos da indústria de processamento, o que já é encontrado nos países produtores, onde há o aproveitamento total do resíduo da extração do azeite de oliva. Esse aproveitamento, além de garantir maior segurança ambiental poderá fornecer renda aos produtores, uma vez que o resíduo, após tratado, pode ser utilizado na própria lavoura na forma de adubo, na alimentação animal, principalmente de suínos e bovinos, e utilizado como fonte de energia, para alimentar a própria indústria.

**IA** - *Há compatibilidade no cultivo de oliveiras no sistema familiar e empresarial? Como poderiam interagir?*

**Clenio Pillon** - Sim. A olivicultura pode ser manejada pela agricultura familiar, ficando a cargo da manutenção e condução do olival os próprios agricultores, e em

época de maior demanda, como a colheita, contratar mão de obra para esta atividade específica. Unindo a agricultura familiar e empresarial, podemos citar como exemplo, a prestação de serviço de extração do azeite, onde os agricultores levam a sua produção aos lagares (agroindústria) para o processamento. Assim, o agricultor paga uma quantia, que pode ser em porcentagem de azeite ou em dinheiro e fica com o produto à disposição, para que faça a sua própria comercialização ou, se for do seu interesse, a destine para comercialização por terceiros.

**IA** - *Qual é a sua opinião sobre o associativismo e a produção de azeitonas e azeite de oliva?*

**Clenio Pillon** - Há um potencial muito grande para a utilização do associativismo nesta atividade. Basta ver o que já ocorre nos países tradicionalmente produtores de azeitona e azeite de oliva, como a Espanha, Itália e Portugal. Nesses países, a organização em associações e cooperativas de agricultores é muito forte. Isso permite a diminuição dos custos de produção, bem como do custo de processamento, onde é muito comum a utilização de um lagar único para o processamento dos frutos. Outro ponto positivo para a união desses produtores pode ser a confecção de um selo de qualidade, da própria associação, atestando que aquele produto passou pelas normas de qualidade estipuladas, ou atingindo esferas maiores com a criação de uma Denominação de Origem (DO), devidamente registrada no Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI), como o que vem sendo pleiteado pelos produtores na Serra da Mantiqueira.

**IA** - *Qual a recomendação para o produtor que deseja iniciar o cultivo da oliveira e a produção de azeite? E qual a mensagem para os olivicultores já estabelecidos?*

**Clenio Pillon** - Para aqueles que desejam iniciar a atividade, a observação de

pomares já instalados, bem como a busca de informações com produtores, pode auxiliá-los em seu planejamento, evitando alguns erros. Entretanto, não deixem de procurar informações técnicas junto às empresas que vêm desenvolvendo pesquisas com a cultura de oliveira no Brasil. O produtor deve procurar informações técnicas junto aos órgãos de pesquisa que trabalham com a cultura nos diferentes estados do País, a exemplo da Embrapa Clima Temperado, em Pelotas, RS, cujo programa é liderado pelos pesquisadores Enilton Fick Coutinho e Rogério Oliveira Jorge; da EPAMIG, liderado pelos pesquisadores Adelson Francisco de Oliveira e Luiz Fernando de Oliveira da Silva, em Maria da Fé, MG; e da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), em Caçador, SC, sob a liderança de Dorli Mario da Croce. Com essa orientação, deve-se verificar se a área a ser cultivada apresenta condições climáticas para a cultura, e também evitar a adoção de técnicas não adequadas às condições de clima e solo. Muitas informações estão sendo desenvolvidas e o acesso ao conhecimento e às tecnologias é uma importante ferramenta que pode auxiliá-los, também, no planejamento e condução do cultivo da oliveira e comercialização desses produtos. A atividade é crescente, com grande potencial de expansão. O Brasil possui áreas adaptadas ao cultivo da oliveira, bons profissionais e um gigante mercado consumidor de azeitonas e azeite. A mensagem aos olivicultores é de que estamos num momento em que a união e o trabalho coletivo são cruciais, para enfrentarmos os enormes desafios de iniciar um cultivo comercial pioneiro. Troca de experiências, busca de informações são importantes e, para isso, precisamos ter a força de um coletivo de produtores. Como os pomares estão no início e a produção é ainda relativamente pequena, é importante a integração para o processamento do azeite, além da divulgação e da comercialização desse produto.